

ARTIGO

# Não há alternativa às cotas (2)

TIBOR RABÓCZKAY

Agora que a USP passa a debater a questão das cotas sociais e raciais para o acesso à universidade, pareceu-me conveniente ampliar as considerações que desenvolvi em artigo no *Jornal da USP* (de 12 a 18 de dezembro de 2005, página 2). Mostrei que, embora a controvérsia pudesse ser encarada sob diferentes ângulos, a abordagem mais conveniente à nação seria a política.

Vejo a política como o gerenciamento dos interesses conflitantes dos diversos segmentos da sociedade, cada um desses segmentos convencido da "legitimidade" de suas aspirações e reivindicações. Não existe, conseqüentemente, nenhuma alternati-

A implementação das cotas avançou no País, mas o debate, reduzido à repetição de argumentos e falácias que revelam o racismo latente, continua



va à concessão de cotas raciais. Nos sete anos que decorreram desde a publicação, a implementação das cotas avançou no País, mas o debate – reduzido à repetição de argumentos e falácias que, além de revelarem as dificuldades de se estabelecer diálogo racional, lança luz sobre o latente racismo que permeia nossa "cordial" sociedade – continua. Longa "discutição" acadêmica nos é ofertada pelo livro *Divisões perigosas* (Civilização Brasileira, 2007), que pouco contribui para a solução da controvérsia política das cotas raciais. Dentre os autores, muitos são netos ou bisnetos de imigrantes europeus ou do Oriente Próximo – brasileiros de raízes mais recentes –, cujos antepassados, com boa probabilidade, conheceram a dupla exclusão.

O conceito de "raça" foi posto em dúvida como conceito válido nas ciências sociais para expressar o conjunto de populações com características físicas e/ou culturais distintas. Entretanto, conflitos sociais reais não admitem as soluções semânticas do "politicamente correto". Assim, mesmo que para os acadêmicos não exista "raça", o "racismo" é um fenômeno plenamente presente e em nível global. A aglomeração de seres humanos tolerantes ou cordiais entre si em grupos mutuamente hostis faz parte da natureza humana e, se não for a cor da pele o motivo da disputa, então será a religião, a classe social ou mesmo

a preferência por um determinado time de futebol. Hostilidade que se torna letal, frequentemente, em todos esses níveis.

Os que tergiversam, manifestando-se a favor das cotas, desde que o critério seja o econômico. Não tomam conhecimento da dupla exclusão, embora ela seja um fenômeno social comum e subsistente até em regiões tão "civilizadas" quanto a Europa de hoje. Dupla exclusão: pelo fator econômico, pelo fator racial – por ser pobre e por ser negro. No velho continente, a dupla exclusão vítima, ainda no presente, minorias resultantes dos tratados que se seguiram à Primeira Guerra Mundial. Além desses, os romas e os colonizados de "antigamente", que em face de facilidades de idioma vão às metrópoles em busca de trabalho. As cotas sociais de fundamentação

econômica não contemplam as consequências da dupla exclusão e, por conseguinte, não fazem desnecessárias as cotas raciais. Reforçando, com minha experiência pessoal de 45 anos de docência na USP – avalio que lecionei a mais de 2.500 alunos –, tive contato com centenas de estudantes provenientes das camadas economicamente desfavorecidas, mas para contar meus alunos negros bastam-me os dedos das mãos. Eloquentemente mostra a dupla exclusão.

Outros insistem em que o mérito (competência e desempenho) deva ser o único critério para a admissão em universidades públicas. Para esses,

receio, o mérito é expresso simplesmente por uma nota, um número. Mas mérito envolve aspectos diversos. Por exemplo, quem teria mais mérito: um estudante de escolas de primeira linha e com farto suporte econômico que alcança a nota 5,1 ou outro que, lutando contra dificuldades financeiras e outras, tira 5,0? A questão do mérito não suporta análise simplista. Envolve o ambiente socioeconômico que determina as expectativas e as possibilidades. Pleitear a formação superior nunca passa pela cabeça de quem nem sequer ouviu de universidade e das oportunidades que essa lhe proporcionaria. As cotas sociais e raciais têm, também, o caráter de despertar ambições e vocações.

Não sei se já houve algum estudo sobre a imagem da USP nas diversas camadas sociais. Mas foi-me significativo o constatado por ocasião de uma campanha política na periferia de São Paulo. Ouvi com surpresa as pessoas acharem que o caminho para entrar na USP era por meio de conhecidos, funcionários ou professores, e se para pobre era difícil, para negro era quase impossível. Não adiantou, na qualidade de quem já participou como "corretor" ("corretor" poderia ser interpretado erradamente!) de exames da Fuvest e, antes, do Mapofei, jurar-lhes sobre a proibição do processo. Não convenci. A autoexclusão já construiu muralha intransponível. As cotas, de uma tacada só, demolem essa prevenção.

O argumento de que o problema das universidades brasileiras é melhorar de nível e não a resolução de problemas de discriminação racial ou corrigir responsabilidades históricas cuja solução viria do progresso econômico e educacional básico não se sustenta. O papel das universidades é aquele que lhes é atribuído pelos segmentos da sociedade. É um papel complexo. Ela forma as cabeças dirigentes da vida econômica, jurídica etc., e também contribui para o progresso tecnológico. A sociedade é capaz de produzir alguns líderes sem instrução superior, mas a principal via continua sendo a universidade. É nela que se estabelece o convívio e o debate de alto nível e integrativo. A educação básica é insuficiente para a emancipação plena.

Mesmo que para os acadêmicos não exista mais o conceito de "raça", o "racismo" é um fenômeno plenamente presente e em nível global



Observações finais: a turma de 2007 do Programa de Inclusão Social da USP (Inclusp), um substitutivo parcial das cotas sociais e raciais, apresentou uma evasão em redor de 30%, não significativamente diferente da evasão, da ordem de 25%, dos que ingressaram pelas vias tradicionais. Após dificuldades iniciais, os estudantes do programa praticamente se igualaram aos outros. A concessão de cotas dificilmente afetará o nível de ensino ou piorará a já elevada evasão. Pelo que argumentamos, é bem-vinda a demanda por cotas raciais. Bem-vinda é a concessão!

Tibor Rabóczkay é professor colaborador sênior do Instituto de Química da USP